REDIS: REVISTA DE ESTUDOS DO DISCURSO
https://doi.org/10.21747/21833958/red18a10

As discursividades na instância da sala de aula virtual durante a pandemia: uma análise da produção de sentidos

REJANE DE FREITAS TORRES SANTOS

rejane.santos@ufnt.edu.br

Doutoranda em Letras pela Universidade Federal do Norte do Tocantins, Brasil.
Professora no Instituto Federal do Maranhão, Brasil.
ORCiD: https://orcid.org/0009-0003-5604-9671

AURÍLIO SOARES DA SILVA

auriliosoares@hotmail.com

Doutorando em Linguística e Literatura pela Universidade Federal do Norte do Tocantins, Brasil.
ORCiD: https://orcid.org/0009-0002-6817-4472

PALAVRAS-CHAVE:

Formulações Discursivas
Ensino Remoto
Análise de Discurso.

ARTIGO RECEBIDO A:

13/08/2025
ARTIGO APROVADO A:

08/01/2026

Resumo: O acontecimento histórico de natureza pandêmica, a COVID-19, impactou o cenário mundial no qual o sistema de ensino foi grandemente afetado. A adoção do ensino remoto constituiu-se uma medida para atender as especificidades do ensino, considerando a viabilidade no momento. Logo, as condições do ensino, bem como as inquietações deste, contribuem para problematizar as relações discursivas na aprendizagem pelo viés da (re)significação da aula pelos sujeitos, o que pode abrir para deslizamentos de sentidos. Ocorre que a análise da discursivização na sala virtual, instância enunciativa, possibilita observar a relação discursiva que acontece em certas condições, ao lançar luzes sobre o funcionamento da prática discursiva remota, que pouco se assemelha com a presencial. Assim, observamos como os sujeitos significam, pela discursivização, sua posição nas aulas remotas, focalizando o docente no fazer pedagógico, ato que sofre coerções de tempo/espaço onde ocorre, aventando a discussão acerca de uma (re)identificação do sujeito nas novas condições de trabalho. Para tanto, mobilizamos a teoria da Análise de Discurso (AD), de vertente materialista, que toma o texto e as condições de produção para analisar as materialidades, na qual edificamos os procedimentos analíticos ancorados nos pressupostos teóricos da perspectiva pecheutiana. Para tanto, construímos nosso dispositivo de análise alicerçado no referencial teórico-metodológico, selecionando o arquivo de aulas ministradas no período e definindo o *corpus*, pelo recorte de sequências discursivas de cenas enunciativas. Assim, esperamos que a pesquisa contribua para o conhecimento e discussão sobre a discursivização na instância sala de aula no fazer discursivo docente em ambiente escolar, seja ele presencial, seja ele remoto, para estudos sobre discurso.

Discursivities in the virtual classroom during the pandemic: an analysis of meaning production

REJANE DE FREITAS TORRES SANTOS

rejane.santos@ufnt.edu.br

PhD candidate in Letters at Universidade Federal do Norte do Tocantins, Brazil.
Professor at Instituto Federal do Maranhão, Brazil.
ORCiD: https://orcid.org/0009-0003-5604-9671

AURÍLIO SOARES DA SILVA

auriliosoares@hotmail.com

PhD candidate in Linguistics and Literature at Universidade Federal do Norte do Tocantins, Brazil.
ORCiD: https://orcid.org/0009-0002-6817-4472

KEYWORDS:

Discursive Formulations
Remote Teaching
Discourse Analysis.

ARTICLE RECEIVED ON:

08/13/2025
ARTICLE ACCEPTED ON:

01/08/2026

Abstract: The historical pandemic event, COVID-19, impacted the global scenario, and the education system was greatly affected. The adoption of remote teaching was a measure to meet the specificities of education, considering its feasibility at the time. Therefore, teaching conditions, as well as their underlying concerns, contribute to problematizing discursive relations in learning through the lens of the (re)signification of the class by the subjects, which may allow for shifts in meaning. The analysis of discursivization in the virtual classroom—an enunciative instance—makes it possible to observe the discursive relationship that occurs under certain conditions, shedding light on the functioning of remote discursive practice, which bears little resemblance to face-to-face teaching. Thus, we observe how subjects signify, through discursivization, their positions in remote classes, focusing on the teacher's pedagogical practice—an act subjected to the time/space constraints of its occurrence, suggesting a discussion regarding the (re)identification of the subject within new working conditions. To this end, we mobilize the theory of Discourse Analysis (DA), from a materialist perspective, which considers the text and the conditions of production to analyze materialities; our analytical procedures are anchored in the theoretical assumptions of the Pêcheutian perspective. We constructed our analytical apparatus grounded in this theoretical-methodological framework, selecting an archive of classes taught during the period and defining the corpus by cutting discursive sequences from enunciative scenes. Ultimately, we expect this research to contribute to the knowledge and discussion of discursivization within the classroom instance and the teacher's discursive practice in the school environment—whether face-to-face or remote—for the field of discourse studies.

1. Introdução

Pensar o ensino, em especial o de Língua Portuguesa, no país durante o estado pandêmico é, antes de mais nada, pensar na circulação de sentidos na esfera educacional na era digital. O ambiente de ensino, evidenciado nas relações experienciadas na instância da sala de aula remota, ou em diferentes condições e aparatos, conforme verificamos em alguns estudos (Leite, 2015; Freitas, 1999), constitui-se como um importante espaço de interesse investigativo em que as formações discursivas pedagógico-educacionais são, essencialmente, heterogêneas. Ocorre que as práticas discursivas realizadas em ambiente presencial não são as mesmas práticas discursivas realizadas no ambiente virtual, mesmo que, em alguma medida, elas se assemelhem.

As condições de produção do ensino, tanto em sentido restrito quanto em sentido amplo (Orlandi, 2016), afetam o sujeito enunciativo que está em constante movimento de tomada de posição (Pêcheux, 2006; Orlandi, 2015). Logo, o sujeito em ambiente virtual é afetado em suas relações enunciativas, na construção dos sentidos e na própria significação dos discursos em circulação. Por essa razão, nos interessa observar como as formações discursivas, próprias da relação discursiva que ocorre no gênero aula remota síncrona, implicam para a existência de comportamentos discursivos distintos, dadas as especificidades do espaço de interação.

Assim, observamos a discursivização do sujeito na posição sujeito-docente nas aulas remotas durante a pandemia, em turmas do ensino médio do Instituto Federal do Maranhão (IFMA), focalizando-o no fazer pedagógico, posição que convoca, pela formação discursiva, o lugar imaginário didático e pedagógico, e que lança luz sobre a significação e a identificação que o sujeito realiza ao se subjetivar nas novas condições de trabalho.

CC BY

Para tanto, mobilizamos a teoria da Análise de Discurso (AD) de viés materialista, a qual toma o texto em articulação com as condições de produção para a análise das materialidades linguístico-discursivas no funcionamento da linguagem. Nessa direção, edificamos os procedimentos teóricos e analíticos do estudo a partir dos pressupostos da AD na perspectiva pecheutiana, tal como formulada por Michel Pêcheux (2006), e desenvolvida no Brasil por Eni Orlandi (2015), cuja produção teórica é fundamental para a consolidação e a circulação desse campo no contexto brasileiro.

Tendo isso em mira, este estudo encontra-se organizado, além da introdução e das considerações finais, em três tópicos que versam sobre a sala de aula remota enquanto instância discursiva que figura um lugar de interação, em seguida uma breve incursão teórica na linha de análise de discurso pecheutiana e orlandiana, e, por fim, realizamos um movimento de análise da discursividade, pelo recorte de sequências discursivas, do sujeito-docente em espaço virtual que serão apresentadas em cenas enunciativas.

2. A sala de aula remota: instância socioideológica e discursiva virtual

Neste estudo, assumimos a posição, pelo viés da AD materialista, de que a sala de aula pode ser vista como lugar discursivo socio-historicamente determinado, no qual a ideologia se manifesta por meio da linguagem. Ressalvadas as condições de produção do discurso, a sala de aula remota se inscreve nessa mesma perspectiva, podendo ser compreendida como uma instância discursiva marcada pelas condições sociais e discursivas na qual se efetiva e onde os sentidos que se evidenciam em função da interação entre os sujeitos – professores e alunos – no desenvolvimento das práticas pedagógicas (Leite, 2015).

Nessa medida, é preciso entender, alicerçados em Libâneo (1994), que a aula é um ato pedagógico que se baseia na assimilação consciente e ativa dos conteúdos pelos alunos e que também pode ser entendida como um conjunto de meios e condições que o professor utiliza para estimular e dirigir o processo de ensino. Além disso, a aula é, por assim dizer, o lugar onde ela acontece (Santos; Inforsato, 2011; Libâneo, 1994). Santos e Inforsato (2011, p. 80) expandem a definição de aula para além das fronteiras do espaço físico, asseverando que:

> Na educação atual, salvas pequenas exceções, as aulas acontecem nas salas de aula, espaços limitados e limitadores, herméticos, fechados em um cômodo que foi construído ou adaptado para este fim. Primeiro engano! Se levarmos em conta que sala de aula pode ser chamada de espaço de aprendizagem, precisamos repensar sua estrutura física também. A sala de aula como espaço de aprendizagem será todo o espaço físico onde ocorre a aprendizagem.

Nessa direção, a configuração universal da sala de aula, enquanto espaço social de aprendizagem, reconhecido pela formação imaginária coletiva, já vem, há algum tempo, sofrendo atualizações históricas e discursivas. Trata-se da ressignificação da colocação espacial, do lugar físico/presencial, para a configuração do lugar de encontro e de interação, em que ainda prevalece "o processo de ensino que possibilita o encontro entre os alunos e a matéria de ensino, preparada didaticamente no plano de ensino e nos planos de aula" pelo professor (Libâneo, 1994, p. 45), porém, agora em diferentes suportes, a saber: no ambiente remoto e na educação à distância, modalidades de educação realizadas via internet.

De modo geral, é importante salientar que a aula, nas novas condições de funcionamento do ensino, precisa ser compreendida a partir de dois aspectos centrais: a não presença física dos sujeitos e a interação mediada pela web. Esses elementos alinham-se às transformações tecnológicas que vêm redefinindo a educação, na medida em que buscam superar as barreiras impostas pelo tempo e pelo

CC BY

espaço geográfico, abrindo novas possibilidades para o ensino e para a aprendizagem (Rosa; Melo, 2018). Diferentemente das práticas da Educação à Distância (EaD), que começaram a ser pensadas bem antes do advento da internet e que contam com um modelo de ensino que dispõe de materiais didáticos que são utilizados nos Ambientes Virtuais de Aprendizagem (AVAs), devidamente regulamentados pelo Ministério da Educação (MEC), o ensino em ambiente remoto resulta da articulação do ensino com novos modos de educação que surgiu como um experimento para atender uma demanda específica e urgente.

Sendo assim, buscamos entender a sala de aula, na condição de espaço de interação e discussão, como embate do poder político, pela atuação de forças que operam formações ideológicas distintas, intercruzadas por formações discursivas diversas, constituindo um ambiente de ampla heterogeneidade discursiva. Dentre essas discursividades, destacam-se as diretrizes pedagógicas, as normas institucionais, as políticas educacionais e os dispositivos tecnológicos que, juntos, mobilizam sentidos específicos, constitutivos desse contexto histórico e ideológico. Dessa forma, levando em consideração que todo sujeito é atravessado pela ideologia, podemos dizer que tanto o professor quanto o aluno produzem e interpretam discursos a partir de posições de sujeito historicamente estabelecidas, que também são formadas e limitadas por seu lugar no sistema educacional, que os permitem significar a instância da sala de aula.

Por conseguinte, na sala de aula, de forma geral, as relações de poder e os mecanismos de controle estão presentes de maneira visível e invisível. Contudo, na sala de aula remota, tem-se que a interface tecnológica, que possibilita a interação entre os sujeitos enunciadores desse ambiente, impõe também uma série de regras discursivas que determinam quem pode falar, como se deve falar e de que forma o conhecimento será avaliado pelo professor. O próprio formato das plataformas digitais

pode ser visto como um dispositivo ideológico, que reflete e (re)funcionaliza práticas educativas historicamente ligadas ao ensino presencial, mas agora adaptadas e ampliadas pelo ambiente virtual.

O que queremos dizer com isso é que a mediação tecnológica, de certo modo, altera profundamente as condições de produção e circulação do discurso pedagógico. Se, no ensino presencial, a presença física dos indivíduos – professor e aluno – é tida como fundamental para estabelecer uma dinâmica comunicativa imediata na constituição dos sujeitos, impingindo a ilusão necessária de controle do dizer, a sala de aula remota impõe novos regimes de visibilidade do indivíduo e para sua dimensão como sujeito, que ressignificam as práticas de ensino-aprendizagem. Por exemplo, a relação entre o discurso verbal e o não-verbal é significativamente transformada: câmeras, microfones, *chats*, emoticons, dentre outros, criam novas formas de interação e novas limitações, tanto na produção quanto na interpretação dos enunciados.

3. Análise de Discurso: circunscrição teórico-metodológica

As discursividades na instância da sala de aula remota constituem o objeto de análise deste estudo. Conforme discutido na seção anterior, que compreende esse espaço como lugar de ressignificação das práticas de ensino-aprendizagem, circunscrevemos o trabalho nos postulados da AD de viés materialista. Interessa-nos, nesse sentido, observar as relações discursivas que se instauram no ambiente remoto em um momento atípico do ensino nacional, marcado por condições históricas e ideológicas específicas.

Partimos do reconhecimento, à luz dos postulados de Pêcheux ([1985] 2014), desenvolvidos no Brasil por Orlandi (2015, 2021), de que a prática discursiva presencial não se equivale à prática discursiva virtual. Nessa perspectiva, concordamos que não é possível acessar um sentido "real" do discurso, uma vez que, na inscrição teórica da AD, o sentido é sempre concebido como efeito,

CC BY

produzido a partir das confluências que constituem o sujeito e o afetam em sua discursividade, em dadas condições de produção do dizer. Desse modo, o que se torna possível observar é o funcionamento do discurso, isto é, "como" ele produz sentidos em determinadas condições (Orlandi, 2015; Pêcheux, 2014).

Nessa direção, recorremos à AD materialista, teoria desenvolvida inicialmente por M. Pêcheux, e adensada por sua principal e mais importante comentadora no Brasil, Eni Orlandi, especialmente pelo trato dado pelos estudiosos ao assumirem o aspecto da "heterogeneidade irredutível", nos termos de Pêcheux ([1980] 2016), que constitui o sujeito. Assim, nesta seção, o nosso foco recai sobre os fundamentos teóricos e metodológicos circunscritos na perspectiva discursiva a que nos filiamos, para a constituição do *corpus* e sobre o procedimento teórico-analítico que sustentam o método e o alcance da análise.

Assim, nosso gesto de análise incide sobre um arquivo constituído a partir de uma aula ministrada durante o período pandêmico, em 13 de abril de 2021, em uma turma do ensino médio do Instituto Federal do Maranhão (IFMA), campus Buriticupu. Tal recorte justifica-se por se tratar de uma materialidade discursiva produzida sob condições socio-históricas específicas, marcadas pela segunda onda da Covid-19 no Brasil, acontecimento que reconfigurou de modo significativo as práticas pedagógicas e as formas de enunciação no espaço escolar.

Inscrito nessas condições de produção, o período em que a aula foi ministrada coincide com um momento de intensificação dos casos de Covid-19 no país, conforme indicado por especialistas à época. Desse modo, a materialidade discursiva selecionada como corpus deste estudo foi produzida sob condições socio-históricas atravessadas por tensões e incertezas que incidiram diretamente sobre o funcionamento do ensino nacional. Tais condições mobilizam questões sensíveis, tanto no que concerne às preocupações e angústias de docentes e discentes, enquanto sujeitos históricos afetados

por uma experiência coletiva, quanto no que se refere às determinações de ordem sanitária que atravessaram o espaço escolar.

Ainda que as questões anteriormente mencionadas sejam relevantes para a compreensão do contexto analisado, estamos interessados nas discursividades do sujeito em posição docente, tal como se marcam no e pelo discurso. Nesse sentido, faz-se necessária uma incursão no arcabouço teórico-analítico que fundamenta a pesquisa, a fim de explicitar os dispositivos mobilizados no gesto de análise. Assim, delineamos algumas noções centrais para realização do procedimento analítico, tais como: a noção de Sujeito, em seus desdobramentos na tomada de posição, na forma-sujeito e na prática discursiva, bem como noções de efeitos de sentido e de condições de produção.

Inicialmente, mobilizamos a noção de Sujeito tal como formulada por Pêcheux ([1988] 2014), segundo a qual a forma-sujeito resulta de um processo de interpelação-identificação que produz um sujeito atravessado pela ideologia e constituído na ocupação de posições discursivas. Esse sujeito se marca pela identificação com a formação discursiva na qual se inscreve e é constituído por uma rede de memória discursiva que faz ressoar diferentes vozes sociais. Nessa perspectiva, o sujeito não é uno nem transparente a si mesmo, mas clivado e atravessado por uma heterogeneidade constitutiva, princípio que precipita do inconsciente nos espaços em que o desejo se articula, de modo indissociável, ao social, manifestando-se por meio da linguagem.

Os modos de formulação e constituição de sentidos que fundam o sujeito imbricam-se pela materialidade, inscritos em dada formação discursiva, e que significam em certas condições. As formações discursivas (FD), por sua vez, assinalam posições ideológicas nas quais se imbricam, em batimento com o inconsciente, as dimensões social, política e simbólica. Desse modo, o funcionamento do discurso estrutura-se no e pelo imbricamento com a ideologia, tornando visíveis

CC BY

as relações entre formações discursivas e condições de produção, nas quais os sujeitos se inscrevem a partir das relações de força que operam nos e pelos enunciados (Orlandi, 2023).

Assim, as FDs operam a memória discursiva por meio do já-dito e do interdiscurso, mecanismos que atuam tanto na estabilidade do dizer quanto na abertura para o deslize e para a dispersão dos sentidos, produzindo a instabilidade do dizer (Pêcheux, 1990). Nessa perspectiva, Indursky (2009) aprofunda a discussão sobre a noção de formação discursiva ao articulá-la à noção de forma-sujeito e à sua fragmentação em posições-sujeito, resultante do imbricamento e da reelaboração da noção de FD proposta por Pêcheux e Fuchs (1990).

Nessa direção, o discurso é sempre tomado pelo imbricamento com a ideologia, ao que Pêcheux e Fuchs (1990) denominam de "materialidade ideológica":

> Dito de outro modo, a espécie discursiva pertence ao gênero ideológico, o que é o mesmo que dizer que as formações ideológicas comportam necessariamente, como um de seus componentes, uma ou várias formações discursivas interligada**s** que determinam o que pode e deve ser dito, a partir de uma posição dada numa conjuntura, isto é, numa relação de lugares no interior de um aparelho ideológico (Pêcheux & Fuchs, 1990, p.166-7).

Nesse aspecto, o modo como se analisa o discurso, buscando evidenciar os efeitos de sentido possíveis, se faz pela relação do sujeito enunciador com os lugares por ele ocupados, na identificação com uma ou várias formações discursivas, de "saberes regulados", pela circunscrição de uma forma-sujeito, que apresenta certa unidade, revelando, assim, a noção de "tomada de posição" (Pêcheux & Fuchs, [1988] 1990). Assim, o funcionamento da tomada de posição resulta de um retorno do 'Sujeito' no sujeito, em que o

> "sujeito se separa daquilo de que ele 'toma consciência' e a propósito do que ele toma posição, é fundamentalmente homogênea à coincidência-reconhecimento pela qual o sujeito se identifica consigo mesmo, com seus 'semelhantes' e com o 'Sujeito'. O 'desdobramento' do sujeito - como 'tomada de consciência" de seus 'objetos' - é uma reduplicação da identificação..." (Pêcheux; Fuchs, 1990, p. 172, grifos dos autores).

Nessa direção, conforme postula Orlandi (2015), é fundamental considerar, na constituição do sujeito, as condições de produção do discurso. Essas condições compreendem os sujeitos e a situação, bem como a memória discursiva, cuja forma de acionamento é decisiva para o funcionamento do dizer. A autora distingue, ainda, as condições de produção em sentido estrito, relativas às circunstâncias imediatas da enunciação, e em sentido amplo, que incluem o contexto socio-histórico e ideológico (Orlandi, 2015, p. 28-29).

Orientados por essas questões, conduzimos nosso gesto de análise de modo a evidenciar os sentidos que se produzem pela materialidade linguística, sem perder de vista aquilo que lhe é exterior, isto é, o discursivo. Nesse movimento, consideramos o sujeito como multifacetado e atravessado pelas condições de produção do dizer, pelo inconsciente e pela ideologia.

4. Análise das discursividades em sala de aula no espaço virtual: gestos de interpretação

Como já mencionamos, a aula que utilizamos para constituição de nosso *corpus* de análise foi ministrada na segunda onda da covid-19 no Brasil, no dia 13 de abril de 2021, centrada na temática intitulada *Leitura comparada: construção e desconstrução*, de uma turma de ensino médio do Instituto Federal do Maranhão (IFMA), campus Buriticupu. A aula, ministrada pela plataforma *Google Meet*, teve duração de 1h39min42s, a qual contou com a participação de nove discentes, dentre os quais apenas a docente e uma aluna mantiveram as câmeras abertas durante a aula.

CC BY

Destacamos aqui que a materialidade discursiva na cena enunciativa em tela, aula virtual, engloba os sujeitos em um quadro analítico que se volta para o funcionamento discursivo pelo viés dos processos discursivos-ideológicos, nos quais é possível questionar a evidência dos sentidos e do sujeito no discurso em toda a cena tanto pelos aspectos das marcas linguísticas, nos ditos, quanto pelos pontos de deriva que oferecem lugar a interpretações que evidenciam os sentidos que ficaram à deriva no processo discursivo.

A esse respeito, destacamos, inicialmente, como ponto de deriva o fato de alguns alunos participarem da aula com as câmeras dos dispositivos que os conectam à aula estarem desligadas. De alguma forma, o comportamento desses alunos abre para a produção de efeitos de sentidos que fazem trabalhar a questão que motivou esse inquérito de análise pela pergunta heurística: como os sujeitos significam a aula em ambiente virtual?

Nessa direção, convém destacarmos que a aula em tela faz parte do programa regular da disciplina ministrada pelo docente, semelhantemente, como ocorre no ambiente presencial, assim como o previsto no plano semestral. Outro ponto de destaque das condições de produção em sentido restrito reside na forma como o docente parece conduzir a programação da aula: cumprimentando os alunos, rememorando o conteúdo trabalhado nas aulas anteriores, tentando garantir que todos estejam conectados a contento para que haja o bom andamento da aula. Contudo, algumas janelas se abrem para interpretações do momento da aula que, pelo batimento entre descrição e interpretação, produzem alguns sentidos.

Primeiro, é possível apreender que a forma como os sujeitos, na posição social de aluno, significam a aula no ambiente remoto remete muito à forma como eles se subjetivam por meio do uso da câmera. Logo, a deriva de sentidos ocorre nesse ponto porque a (in)disponibilidade da imagem que é projetada pela câmera produz efeitos de sentidos da presença física, do interesse em

participar, da exposição intencional do ambiente pessoal, bem como das condições de vivência familiar. Diferentemente disso, na aula presencial não é possível circularem esses sentidos, o que garante a salvaguarda, de certa forma, da intimidade do aluno.

Ocorre que é possível observar que os sentidos nesse caso não ocupam o mesmo lugar simbólico da aula presencial, em que a presença-imagem não é requerida para comprovar a presença, adesão ou atenção do sujeito-discente. Assim, ao deixar a câmera desligada durante a aula o sujeito, em posição-discente, enuncia do lugar de aluno engendrando um novo sentido, o que seria um não-sentido, *non sense*, na prática presencial, porque desloca a prática discursiva, própria da dinâmica pedagógica no ambiente remoto, pelo não-dito, discursivamente, porque está em uma posição legitimada tanto pelas discursividades (falas) proferidas, quanto pelas reações não-verbais, por meio dos *emojis*, significativamente.

Nessa linha, prosseguimos nossas incursões analíticas a partir de dois recortes distintos da referida aula, dimensionados em sequências discursivas (SD) que partem da cena enunciativa cujo foco de interesse recai sobre o conceito-análise *a priori* das discursividades no ambiente virtual, as quais consideramos (re)produzir os efeitos de sentido que a aula em ambiente virtual engendra na constituição do sujeito-professor e do sujeito-aluno no fazer pedagógico em período pandêmico, o que constitui nosso escopo de análise. Com isso, esperamos pensar o lugar simbólico, construído historicamente nas relações sociais, do docente e do discente na instância sala de aula e como esse espaço é significado, a depender das condições de produção, pelo uso da linguagem que é determinada pelas possibilidades de dizer, que por sua vez, é determinado pelas condições socio-históricas de produção.

Na primeira sequência que trazemos para análise, que na cena enunciativa acontece pouco tempo depois da aula ser iniciada, observamos o modo como o dizer do sujeito-professor é delineado por

CC BY

posições pedagógicas, constitutivas desse lugar social, ao mesmo tempo em que é atravessado por discursividades próprias do ambiente virtual, vejamos a seguir:

> **SD1:** Então, nesse período do romantismo, (2:36) nós temos lá três, três tempos, três grandes momentos do romantismo. O primeiro momento, que é mais, (2:46) mais nacionalista, voltado mais, assim, para uma questão de patriotismo, para enaltecimento da (2:53) terra, para enaltecimento do herói que foi escolhido na época, que foi o índio, então tem uma pegada (3:00) indianista, tudo isso voltado mais para um certo ufanismo. No segundo momento, ele se baseia num (3:09) sentimentalismo mais profundo ainda, então ele está mais passional, mais derretido, mais voltado (3:19) para as questões intimistas, cada vez mais individualista. E no terceiro período romântico, já no finalzinho, (3:29) quando a gente já está sentindo, assim, a proximidade do realismo, nós temos, assim, uma visão mais social, (3:36) uma visão mais, menos egocêntrica, e essa visão traz uma percepção da realidade diferente dos (3:49) momentos anteriores. E aí, em cada momento, você tem um poeta que representa aquelas características. (4:02) No primeiro momento, nós vamos ter aí, agora eu esqueci o nome do poeta, é o autor de Suspiros Poéticos e Saudades, (4:16) e o autor do nosso, de parte do nosso hino, né, um trecho da poesia dele, da Canção do Exílio, (4:25) bem, é isso, vocês lembram quem é esse autor? O autor de Canção do Exílio, **deixa eu ver se eu consigo subir esse negócio**, (4:39) **não estou conseguindo, consegui**. Representa, **deixa eu dar uma pesquisada aqui**, uma pescada para eu lembrar aqui quem é o autor. (00:02:36 - 00:04:52)

Do ponto de vista discursivo, a instância sala de aula apresenta efeitos da espessura do discurso dos sujeitos, nas práticas pedagógicas, pela significação que estes realizam do ambiente no processo de ensino-aprendizagem. Nesse sentido, a tomada de posição dos sujeitos discursiviza a maneira como eles subjetivizam o lugar da aula, em dadas condições. Dito isso, ao fitarmos as formulações que escolhemos do momento em que a docente começa a aula apresentando uma síntese dos estudos das escolas literárias, didaticamente definidas para o ano/série em que está ministrando a aula, o sujeito articula a relação da língua com a história movendo sentidos didáticos-literários. De

início, no *corpus* destacado, resguardadas ao momento em que as formulações foram produzidas, observamos esse recorte de forma linear, abre para a possibilidade de pensar a forma como a aula de literatura é significada. De sorte que houve uma manutenção da prática discursiva equivalente aos sentidos estabilizados para esse tipo de aula.

Contudo, quando observamos mais de perto a SD1, é possível perceber a presença de marcas linguísticas, dêiticos discursivos, presentes na superfície linguística que marcam a embreagem das circunstâncias do lugar ("deixa eu dar uma pesquisada *aqui*"), do tempo ("em cada *momento*") e de pessoa ("*você* tem um poeta", "para *eu* lembrar aqui quem é o autor") de uma aula que poderia, tranquilamente, ocorrer nos dois ambientes, remoto e presencial. Todavia, o nosso enfoque discursivo recai sobre os elementos metaenunciativos que são (re)produzidos por intermédio de uma FD em que o sujeito está inserido e que condiciona seu modo de dizer. Ou seja, no lastro da historicidade e da ideologia que clivam o sujeito em posição-docente, no momento da aula virtual, faz funcionar uma memória discursiva concernente ao ambiente virtual pela relação transferencial de limitação do/no manuseio do aparato digital durante a aula ("deixa eu ver se eu consigo *subir esse negócio*, não estou conseguindo").

Não obstante, o sujeito, pelas formulações, faz trabalhar sentidos que produzem efeitos que colocam fronteira entre o que está manifesto em seu discurso e o que escapa à evidência. Simbolicamente, a depender da exterioridade que constitui o sujeito, ele é marcado por um modo de significar o lugar do digital como um "negócio", *nonsense*, que evidencia uma certa estranheza do docente com as (novas) condições do trabalho pedagógico com o qual precisa lidar. Dessa forma, a discursividade apresenta uma falha pela forma como a linguagem está funcionando e promovendo uma distinção ao construir uma significação do "universo digital" como não-sentido. A esse respeito, observa-se o engendramento de um pré-construído, que funciona em outras condições de

produção discursivas, fazendo evidenciar sentidos de que o aparato tecnológico é algo que é de difícil execução para o sujeito-professor e que pode, portanto, representar um possível dificultador das aulas em ambiente remoto.

De sorte que, pela via interdiscursiva, é possível dizer que entra em jogo, na enunciação docente, a formulação do sentido de rejeição do fazer pedagógico no ambiente digital, evidenciando, assim, preferir as aulas presenciais às aulas remotas. Assim, a formação social da docente deixa escapar, do ponto de vista do funcionamento da memória discursiva, pelo viés do lugar socioideológico, aquilo que toca o aparato digital, tais como: apresentar em tela algo que ela precisa rememorar sobre os literatos em estudo para a turma ou, mesmo, o ato de buscar uma informação, em tempo real, diante dos alunos, como algo que é novo e que produz efeitos de sentidos outros.

Com efeito, no fragmento "deixa eu dar uma pesquisada aqui, uma pescada para eu lembrar aqui quem é o autor", é possível perceber que o sujeito abre para sentidos de alguém que está atravessado, em certas condições, por uma subjetivação que vai na contramão, ou seja, na desconstrução do imaginário que se tem do sujeito em posição-docente daquele que é detentor de todo o saber colecionável. No imaginário coletivo, portanto, o sujeito-docente evoca o sentido de um sujeito que é constituído no lugar de quem tem todas as respostas e que é detentor do saber. Observa-se, portanto, um furo nesse pré-construído da imagem que se tem desse sujeito-docente, marcado por uma tomada de posição do sujeito por outro lugar discursivo que não é socialmente legitimado ao docente, visto que o lugar discursivo socialmente instituído para professor é o de sabedor de tudo.

Além disso, apesar do imaginário da figura do sujeito-docente parecer estar, logicamente, estabilizado na memória coletiva é possível perceber como esse sujeito é afetado, sob certas condições, a produzir certos sentidos e não outros. Desse modo, no atravessamento de uma

formação discursiva escolar, o sujeito, em posição docente, parece não subjetivar esse lugar social, evidenciando uma formação ideológica que o conduz à produção de sentidos diferentes do que, tradicionalmente, se espera de um professor. Notadamente, a formulação, pelo modo de individuação, destacada faz funcionar sentidos a respeito da tomada de posição do sujeito, e abre para possibilidades de se pensar a heterogeneidade do discurso docente em ambiente virtual, em uma dada formação discursiva.

Na direção de que o discurso docente-pedagógico, pelo imaginário, cumpre a função de amparar, por meio do didatismo, o fazer em sala de aula, partiremos agora, resguardadas as especificidades do momento em que foram formuladas as discursividades, para o segundo gesto de análise na SD2. Por meio do qual pretendemos observar que efeitos de sentidos se abrem na/pela forma como a sala de aula é significada pelo sujeito. Vejamos no destaque:

> **SD2:** Vamos aqui no material de sala, nas atividades. É esse material de literatura comparada. **Sinalizem** para mim **oralmente** se vocês **estão conseguindo ouvir** a música, tá bom? Vou botar só um trechinho dela, não vou colocar tudo não, porque senão pega muito tempo, tá? Beleza. Vou trazer aqui **o computador mais próximo** pra ver se sai. Tá, todo mundo tá conseguindo ouvir? Beleza (00:12:24).

Observamos que na SD2, no primeiro e no segundo período do texto em análise, há uma compatibilidade do fazer docente em ambiente virtual com o fazer docente das aulas presenciais. Esse efeito de permanência mantém o caráter pedagógico desse acontecimento, isto é, a aula remota, por mais que seja em ambiente virtual, ainda é uma aula com as características basilares de sua constituição. Entretanto, há algo que a distancia de uma aula presencial, como se vê pelas marcas linguísticas nos trechos sublinhados, em que o sujeito é interpelado por discursividades específicas do ambiente virtual.

CC BY

Nesse caso, as marcas linguísticas evidenciam como o processo discursivo do sujeito, na posição docente, abre para o efeito de sentido de um discurso já estabilizado no caráter pedagógico, quando conduz a turma didaticamente ("Vamos aqui no material de sala, nas atividades") e quando desenvolve o conteúdo programado ("É esse material de literatura comparada"). Contudo, o sujeito projeta certa preocupação com o aparato tecnológico de conexão que representa as condições de funcionamento da aula ("Sinalizem para mim oralmente se vocês estão conseguindo ouvir a música, tá bom?"). O que provoca uma movência dos sentidos autorizados para a instância sala de aula e que engendra um embate com relação aos sentidos da aula no ambiente virtual pela insegurança da eficiência do canal.

É sabido que o uso e manuseio de tecnologias em sala de aula presencial, tais como: computadores, projetores de imagem, telas digitais, TVs, entre outros, já fazem parte do imaginário coletivo no cotidiano de grande parte das escolas do país que fazem circular sentidos, logicamente, estabilizados sobre a instância de aprendizagem. Por isso, esses são aparatos que no âmbito escolar, geralmente, produzem sentidos compartilhados pelos sujeitos. Contudo, as condições de produção da aula remota, em sentido amplo, põem em circulação sentidos ideológicos que giram em torno da impossibilidade, da dificuldade, da (des)conexão, que é de responsabilidade do docente. Dito de outro modo, o sentido que circula sobre a figura do docente é o de que ele é quem deve organizar a aula ("Tá, todo mundo tá conseguindo ouvir?"). Assim, as formulações destacadas aventam a possibilidade de tensão no sentido da operacionalização da aula remota. Abrindo, pois, para possibilidade de pensar a forma como o sujeito, em posição docente, produz *non sense* em relação àquilo que não tem controle no ambiente da aula virtual.

Assim, como é possível observar, o discurso do professor na instância sala de aula remota joga entre unidade e dispersão de sentidos, por um lado, estabilizando o dizer no engendramento de

já-ditos, de pré-construídos, fazendo funcionar a memória sobre as condições universais da aula, marcada por determinações socio-históricas e ideológicas. Por outro lado, as novas condições do fazer pedagógico abrem para a dispersão dos sentidos, em que o sujeito, (des)identificado com certos sentidos, marca sua posição no discurso, no caso, pelo estranhamento com o lugar de professor na instância sala de aula remota.

Por fim, essa desidentificação com esse lugar social/virtual implica sua própria condição de professor no fazer pedagógico em período pandêmico, de um sujeito que parece não assumir essa posição, fazendo funcionar um desencaixe entre o papel social e a posição-sujeito-professor nessa conjuntura socio-histórica e ideológica.

5. Considerações finais

Neste estudo, focalizamos como objeto discursivo as formulações na instância da sala de aula remota durante a pandemia, pelas discursividades do sujeito em posição-docente. Tudo isso sem perder de vista o fio que evidencia o funcionamento do discurso em dadas condições de produção socio-histórica, conforme ocorreu no acontecimento desencadeador do estado pandêmico, a COVID-19.

A contingência das condições de produção impactou a grande área da educação nacional impondo-lhe o isolamento social, como medida necessária para garantir que os serviços educacionais continuassem em funcionamento, especialmente, por meio do uso de tecnologias digitais. Grosso modo, essas mudanças impingiram remodelamentos nas práticas educativas do ensino objetivando atender, pelo uso das Tecnologias Digitais de Informação e Comunicação – TDICs, a permanência da comunidade escolar, professores e alunos, apesar das condições do ensino.

CC BY

É certo que um acontecimento dessa natureza constitui-se um importante objeto de estudo, haja vista seu valor de registro material-histórico para as gerações futuras. Por essa razão, neste estudo observamos como houve a manutenção de alguns sentidos já compartilhados pelos sujeitos sobre a instância sala de aula e o surgimento de outros sentidos sobre foram significados. Produzindo, portanto, sentidos distintos que circunscrevem os sentidos de uma educação remota que requer habilidade no trato com o aparato tecnológico em função da conjuntura do suporte.

Por essa razão, é possível entrever a abertura da deriva de sentidos, uma vez que o sujeito em posição-docente, pela tomada de posição discursiva e pelas marcas textuais/discursivas, toma posição quanto ao que pode e deve ser dito dentro de uma formação social/ideológica, haja vista que os sentidos que se movem, no atravessamento, sempre podem ser outros, para além do que está estabelecido ou esperado por quem enuncia.

Por fim, a análise do funcionamento discursivo do sujeito, em posição docente, pela discursivização (re)significa sua posição-sujeito nas aulas remotas, no fazer pedagógico, de modo a assumir certos sentidos pelo afetamento dos sentidos que o interpelam a movimentar/produzir novos sentidos. Em outras palavras, o sujeito atravessado por sentidos e não-sentidos sobre a aula virtual faz circular outros sentidos ao se desidentificar com esse espaço social/virtual, o que reflete a condição do docente no processo pedagógico durante a pandemia, de um sujeito que parece não se reconhecer plenamente nesse papel. Isso gera um desajuste entre a função social e a posição de sujeito-professor dentro deste contexto socio-histórico e ideológico.

Referências

Freitas, A. F. de. (1999). *O diálogo em sala de aula: Análise do discurso*. HD Livros Editora.

Leite, J. de D. (2015). *Aula de língua portuguesa: Das identificações do professor à prática* [Tese de doutorado, Universidade Federal de Uberlândia].

Libâneo, J. C. (1994). *Didática*. Cortez.

Orlandi, E. P. (2023). *A linguagem e seu funcionamento: As formas do discurso* (7ª ed., edição comemorativa de 40 anos). Pontes.

Pêcheux, M. (2014). *Semântica e discurso: Uma crítica à afirmação do óbvio*. Editora da Unicamp. (Trabalho original publicado em 1982).

Santos, R. A. dos, & Inforsato, E. C. (2011). Aula: O ato pedagógico em si. In Universidade Estadual Paulista, Prograd, *Caderno de formação: Formação de professores – Didática geral* (Vol. 9, pp. 80–85). Cultura Acadêmica.

Rosa, A. G. C., & Melo, É. G. de S. (2018, May). A identidade da aula virtual escrita na educação a distância. *CIET: EnPEE*. https://cietenped.ufscar.br/submissao/index.php/2018/article/view/830

Santos, J. S. (2012). Leitura numa perspectiva discursiva na formação docente: Alguns questionamentos. *Linguagem em (Dis)curso, 12*, 129–153. https://www.scielo.br/j/ld/a/VMwxr3BMVMJy773hcYnCd5G/